

'Crescimento projetado não é viável'

A atual trajetória de crescimento da economia brasileira não é sustentável no longo prazo. A avaliação é do economista do Ipea, Marcelo Lara Resende. Ele argumenta que o país não tem como manter uma expansão do Produto Interno Bruto (PIB) a taxas iguais ou superiores a 4% como prevê o governo para este e os próximos anos. "Não há como crescer nesse ritmo sem aumento no consumo, investimentos, e um bom desempenho da balança comercial", afirma Resende.

A lógica é simples: para que o Brasil se mantenha firme na trajetória de crescimento anunciada no primeiro trimestre precisaria despejar recursos no setor produtivo, pensando no longo prazo. Entretanto, os números do IBGE revelam que isso não está ocorrendo. A taxa que mede a relação PIB/investimentos caiu continua-

mente ao longo de 1999, passando de 20,6% a 18,9% do primeiro ao último trimestre do ano. Para os primeiros três meses de 2000 a previsão do Ipea é de que fique em 18,8%.

Nó – Segundo o economista, a situação atual é delicada. O governo não investe porque não tem dinheiro e precisa cortar gastos para cumprir suas metas com o FMI; o setor privado, por sua vez, patina na dificuldade de obter crédito devido aos juros altos. Já o brasileiro não consome e nem poupa porque não tem renda.

"O superávit primário que o governo vem promovendo é grande, mas a taxa de investimentos está caindo. A saída tem sido pegar empréstimos com o setor externo e pagar por isso. Aliado a isso, o governo não encontra espaço agora para abaixar os juros e com as taxas nos níveis atuais não

há possibilidade de alavancar crescimento", diz Resende.

A desaceleração da economia americana deverá ser sentida de três maneiras distintas. No curto prazo, haverá redução de fluxo de capital, com a fuga de investidores dos mercados de alto risco, no qual estão o Brasil e Argentina, para as rentabilidades seguras da economia americana, agora ainda mais atrativas com a alta dos juros.

Juros – Um volume menor de dólares chegando ao país significa pressão sobre a taxa de câmbio – como a observada na última sexta-feira, quando o dólar alcançou um dos níveis mais altos no ano. Esse movimento, por sua vez, tem repercussões negativas sobre a inflação, que, em última instância engessa a política monetária do Banco Central, impedindo a continuidade da queda dos juros.

Por isso, diante do cenário atual, o mercado descarta por completo a possibilidade de que o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central Copom reduza sua taxa básica, que hoje está em 18,5%, na reunião prevista para esta semana.

Um outro reflexo do processo de ajuste dos Estados Unidos recairá sobre as exportações brasileiras. Em tese, um desaquecimento da economia mundial, levará a uma redução do comércio entre as nações, reduzindo o volume das transações internacionais. Se isso ocorrer, a indústria brasileira, que vem dando sinais de recuperação diante do aumento das vendas externas, pode ver seu potencial de expansão contido. Por fim, a alta dos juros americanos leva a um aumento do endividamento externo do país. (B.D.)